

ARTIGO

## EMPREENDEDORISMO FEMININO NAS PERIFERIAS COMO LUTA PELA IGUALDADE SOCIAL E DE GÊNERO

<https://dx.doi.org/10.59068/24476137jonas>



**Jonas Eduardo Nicodemo**  
*jonasnicodemo@hotmail.com.*

Advogado, mestrando em Direito, Justiça e Desenvolvimento pelo Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP), especialista em direito empresarial pela Escola Paulista de Direito (EPD), com MBA em Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), graduado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Gerente da unidade suprimentos do Sebrae São Paulo.

## **EMPREENDEDORISMO FEMININO NAS PERIFERIAS COMO LUTA PELA IGUALDADE SOCIAL E DE GÊNERO**

## **FEMALE ENTREPRENEURSHIP IN COUNTRY'S OUTSKIRTS AS A STRUGGLE FOR SOCIAL AND GENDER EQUALITY**

## **EMPRENDIMIENTO FEMENINO EN LAS PERIFERIAS COMO LUCHA POR LA IGUALDAD SOCIAL Y DE GÉNERO**

### **RESUMO**

O artigo investiga como o empreendedorismo feminino nas periferias do país se reflete na luta das mulheres pela igualdade social e de gênero. Nesse contexto, enfatizam-se as mulheres bastante pobres e as barreiras enfrentadas por elas para se firmarem no mercado de trabalho, sobretudo, em segmentos predominantemente masculinos, como o econômico e o tecnológico. Para enfrentar esses obstáculos, são apresentadas algumas ações transformadoras, oriundas do poder público e da iniciativa privada, às vezes em parceria que, principalmente após o período pandêmico no Brasil, passaram a investir em projetos voltados ao desenvolvimento do empreendedorismo feminino. Como pano de fundo, aborda-se a autoestima dessas mulheres, em geral, profundamente influenciada pelo alto grau de dependência de laços familiares difíceis de serem rompidos exclusivamente em razão de questões financeiras. Discute-se, ainda, possíveis formas de se combater a desigualdade de gênero, ao se propor medidas concretas para retirar essas mulheres da invisibilidade, vez que a exclusão social e econômica fere diretamente o Estado Democrático de Direito. Nos últimos anos, o empreendedorismo feminino no Brasil tem ganhado força, exigindo da mulher – em total discrepância em relação a mesma postura da sociedade diante dos homens – a necessidade de comprovar sua competência no “mundo dos negócios”. É nesse cenário que desponta um dos maiores desafios: ampliar a escala dos projetos já desenvolvidos para estimular o empreendedorismo feminino, fazendo-os perpetuar nas comunidades carentes, para que mais mulheres possam se beneficiar a longo prazo dos conhecimentos compartilhados e replicá-los com outras mulheres, rompendo, assim, ciclos de dependência e fortalecendo o empreendedorismo feminino nas periferias do país.

**Palavras-chave:** empreendedorismo feminino; gênero; igualdade social.

## ABSTRACT

This paper examines how female entrepreneurship in the outskirts of the country reflects women's struggle for social and gender equality. In this context, emphasis is placed on economically disadvantaged women and the barriers they face to setting themselves in the labor market, especially in predominantly male segments, such as the economic and technological sectors. Some transformative actions are presented to face these obstacles, coming from either public power or private areas, sometimes in partnership. These sectors, mainly after the pandemic period in Brazil, have started to invest in projects to develop female entrepreneurship. In the background, the study discusses women's self-esteem which is, in general, deeply influenced by the high degree of dependence on family ties that are difficult to break chiefly due to financial issues. It also discusses possible ways to fight gender inequality, by proposing concrete measures to remove these women from invisibility, since social and economic exclusion directly hurts the democratic state ruled by law. In recent years, female entrepreneurship in Brazil has gained momentum although requiring women – in a total mismatch of society's attitude towards men – to prove their competence in the “business world”. In this scenario, one of the biggest challenges emerges: expanding and scaling projects that have already been developed to encourage female entrepreneurship. This approach ensures their perpetuation in needy communities. As a result, more women can benefit in the long term from shared knowledge and replicate these projects with others, thereby breaking cycles of dependency and empowering female entrepreneurship in the outskirts of the country.

**Keywords:** female entrepreneurship; gender; social equality.

## RESUMEN

En el presente artículo se investiga cómo el emprendimiento femenino en las periferias del país se refleja en la lucha de las mujeres por la igualdad social y de género. En este contexto, se pone énfasis en las mujeres muy pobres y las barreras que enfrentan para mantenerse vigente en el mercado laboral, especialmente, en segmentos predominantemente masculinos, como son los sectores económico y tecnológico. Para enfrentar estos obstáculos, se presentan algunas acciones transformadoras, oriundas del poder público y de la iniciativa privada, a veces, en cooperación que, principalmente después del período de pandemia en Brasil, han empezado a invertir en proyectos destinados al desarrollo del emprendimiento femenino. Como telón de fondo, se plantea la autoestima de esas mujeres, la cual generalmente está profundamente influenciada por el alto grado de dependencia de los lazos familiares que son difíciles de romper exclusivamente en función de cuestiones financieras. Además, se discuten posibles formas de combatir la desigualdad de género por medio de medidas concretas para sacar a esas mujeres de la invisibilidad, una vez que la exclusión social y económica afecta directamente al Estado Democrático de Derecho. En los últimos años, el emprendimiento femenino en Brasil ha cobrado fuerza, exigiendo de la mujer – en total discrepancia con relación a la misma postura de la sociedad hacia los hombres – la necesidad de comprobar su competencia en el “mundo de los negocios”. Es en este escenario que surge uno de los mayores desafíos: ampliar la escala de los proyectos ya desarrollados para estimular el emprendimiento femenino, de modo a perpetuarlos en las sociedades necesitadas, para que más mujeres puedan beneficiarse a largo plazo de los conocimientos compartidos y replicarlos con otras mujeres, interrumpiendo, así, ciclos de dependencia y fortaleciendo el emprendimiento femenino en las periferias del país.

**Palabras clave:** emprendimiento femenino; género; igualdad social.

## INTRODUÇÃO

As lutas globais pelos direitos relativos à igualdade de gênero ocorridas no Ocidente, desde o século XVII, representam conquistas importantes do feminismo quanto aos direitos à cidadania, à propriedade e à educação. Todavia, a jornada em busca desta igualdade ainda parece estar longe de chegar ao fim.

Lucy Delap (2022), em sua obra *Feminismo – uma história global*, investiga a evolução destas lutas ao trazer uma reflexão necessária, que causa inquietude sobre realidades de exclusão e invisibilidade de mulheres pobres, que vivem em desvantagem material e estrutural. Logo, diante da dificuldade de acesso à educação e ao trabalho, as lutas pelos feminismos podem se tornar irrelevantes para muitas destas mulheres.

Quando o assunto é trazido para a realidade periférica, um recorte considerando apenas o município de São Paulo revela, por meio dos dados divulgados no *Mapa da Desigualdade do Município*<sup>5</sup>, que, após o período pandêmico da Covid-19, não apenas aumentou significativamente o número de pessoas morando em favelas, como também a incidência de violência contra mulheres, incluindo reiterados casos de feminicídio.

Diante desse cenário, o artigo pretende debater formas de combater essa desigualdade e de retirar essas mulheres da invisibilidade na qual estão vivendo, já que a exclusão social e econômica afeta diretamente o Estado Democrático de Direito.

A invisibilidade a qual se menciona se reflete, em sua essência, no desprezo moral dos mais privilegiados sobre o sofrimento humano diante de cenários de marginalidade. Em razão disso, não se vê ações adequadas dos agentes públicos voltadas a combater esse tipo de violência contra as mulheres, nem ações políticas capazes de gerar a mudança social necessária para estancar o crescimento desses indicadores negativos (Vieira, 2007, p. 28-51). Cabe, portanto, ao poder público, promover ações preventivas e de justiça por meio da aplicabilidade das leis para impedir a ocorrência de novas violências da mesma natureza.

---

<sup>5</sup> O Mapa da desigualdade social é um trabalho desenvolvido e atualizado anualmente pela Rede Nossa São Paulo (RNSP), que tem trabalho pautado no combate à desigualdade e promoção dos humanos, com levantamento de indicadores através da coleta de informações da Prefeitura Municipal do Município de São Paulo.

O artigo traz exemplos de ações transformadoras (Fraser, 2017, p. 161-185) capazes de corrigir injustiças de gênero e marginalização econômica, que têm afetado, principalmente, o direito à vida das mulheres que vivem nas periferias.

Para isso, apresenta-se o trabalho realizado pelo Sebrae<sup>6</sup>, especialmente na zona sul da cidade de São Paulo, ao empoderar estas mulheres através do empreendedorismo, dando-lhes condições de independência econômica/financeira para não se manterem tão vulneráveis às situações de violência e para que possam voltar a se reconhecer como protagonistas de suas vidas. Enfatiza-se, ainda, iniciativas no mesmo sentido promovidas pela Organização das Nações Unidas (ONU), pela Embaixada e pelos Consulados dos Estados Unidos da América no Brasil.

## DESIGUALDADES SOCIAL E DE GÊNERO

Quando se fala em desigualdade de gênero, principalmente em lugares nos quais as mulheres sofrem com falta de acesso à educação e oportunidades de trabalho, inicialmente, deve-se mencionar a falta de autonomia dessas mulheres, algo visível desde a adolescência, quanto às escolhas de todos os tipos, desde o sexo seguro – no intuito de evitar uma gravidez na adolescência – até a decisão de deixar um lar no qual seja vítima de violência verbal e física (Chachaml; Maiall; Camargo, 2012, *online*).

No levantamento *Mapa da Desigualdade do Município de São Paulo*, é possível visualizar regiões periféricas, a exemplo do bairro de Guaianazes, no extremo leste da capital paulistana, no qual o indicador *Violência contra mulher – feminicídio* possui um “desigualtômetro” 42 vezes maior se comparado aos bairros de regiões centrais (p. 30). Este indicador (feminicídio) aumentou 376% em toda a cidade de São Paulo em relação ao ano de 2018, anterior à pandemia da Covid-19.

---

<sup>6</sup> O Sebrae faz parte de um sistema criado em 1972, o Centro Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa (Cebrae) vinculado ao Governo Federal. A partir de 1990, a entidade transformou-se num serviço social autônomo, denominado Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

Em 2019, houve um aumento significativo da desigualdade social que, por consequência, acentuou os problemas relacionados à desigualdade de gênero (p. 74) (Rede Nossa São Paulo, 2021, *online*).

Outro ponto digno de reflexão é o aumento das prisões de mulheres nos últimos 15 anos. Nesse período, as detenções de mulheres cresceram 455% no Brasil, a maioria, em virtude do tráfico de drogas (60%). Um grande número desses encarceramentos está relacionado à subordinação delas aos homens, pois aliciadas e influenciadas por seus companheiros (Ribeiro; Martino; Duarte, 2021, *online*).

Em um cenário como esse, ressalta-se a relevância dos projetos de inclusão produtiva voltados às mulheres para que, por meio de estudo, trabalho e independência financeira, elas possam conquistar a autonomia necessária e voltar a assumir o controle de suas vidas. Projetos dessa natureza inspiram e modificam a vida das mulheres, levando-as a lutar por questões de gênero de forma livre e em condições de igualdade perante outras mulheres que desfrutem de melhores condições socioeconômicas.

A ONU Mulheres (out. 2021, *online*), instituição cujo objetivo é garantir os direitos humanos das mulheres no Brasil e no exterior, durante o período pandêmico, realizou várias iniciativas para eliminar a desigualdade de gênero dentro de casa. Dentre as ações, elaborou uma lista de checagem de ações governamentais para incluir a perspectiva de gênero na resposta à Covid-19, orientando governos sobre providências que poderiam ser encaminhadas para resolver problemas relacionados às mulheres e à pandemia, em busca de um mundo mais igualitário.

Nessa linha, o *Sebrae*, por meio do programa institucional *Sebrae Delas*, modificou a realidade de várias mulheres em situação de vulnerabilidade através do empreendedorismo, retirando-as de situações de violência conjugal, criminalidade, drogas e prostituição. Iniciativas como essa devem ser reconhecidas e amplificadas nas comunidades para que a força deste trabalho e a adoção de políticas transformadoras se tornem perenes e constantes.

## MULHERES NO EMPREENDEDORISMO

O empreendedorismo feminino no Brasil tem ganhado força nos últimos anos, à medida que vem sendo reconhecido pela sociedade e quebrando barreiras invisíveis ligadas ao preconceito implícito, muitas vezes, no próprio comportamento das famílias dessas mulheres. Essa conduta, ainda bastante comum, costuma amedrontar e levar a mulher à necessidade de comprovar sua competência no “mundo dos negócios”.

Segundo pesquisa realizada pelo Sebrae em 2020, 8,6 milhões de mulheres estavam à frente de suas empresas (33,6% das empresas no país). Só na região sudeste estão concentradas quase 50% dessas empreendedoras. Dentre as empreendedoras formais, a maior parte (51%) é de mulheres brancas com até 44 anos de idade (53%).

Quanto à posição assumida por essas mulheres dentro de casa e seu rendimento mensal, 49% delas são chefes de seus lares e obtêm baixos rendimentos – 61% recebem até um salário mínimo, embora a maioria (68%) tenha nível de escolaridade médio e superior (Sebrae/SC, 2021).

Outro estudo recente elaborado pelo Sebrae, produzido pela Unidade Gestão Estratégica (Sebrae/SC, 2021) revela que, no mundo do empreendedorismo, apesar de estudarem mais, as mulheres possuem remuneração menor em relação aos homens. Em sua maioria (82%), elas empreendem por necessidade, inseridas em atividades que apresentam pouca inovação, no qual o resultado não poderia ser outro, senão, empresas mais vulneráveis e com menos valor agregado.

Esses dados revelam não só a representatividade de mulheres no empreendedorismo, mas também que, financeiramente, apesar de sustentarem suas famílias, os rendimentos são bem menores em relação aos dos homens. A representatividade é menor em empreendimentos envolvendo ecossistemas de inovação, nos quais apenas 4,7% de *startups* são fundadas por mulheres (Arbex, 2021).



Uma justificativa para isso é o fato de que é mais difícil, para elas, darem o primeiro passo, pois existe uma segregação de setores/segmentos econômicos de acordo com o gênero, consubstanciada em estereótipos que definem o que é “o trabalho da mulher”. Por isso, é comum o empreendedorismo feminino ter maior representatividade em atividades ligadas ao universo da feminilidade tradicional, associadas a uma definição cultural das mulheres como pessoas cuidadoras e gentis, sempre prontas para se sacrificarem por alguém (Connell; Raewyn 2015, p. 33).

Nesse contexto, observa-se:

A concepção do masculino como sujeito da sexualidade e o feminino como seu objeto é um valor de longa duração da cultura ocidental. Na visão arraigada no patriarcalismo, o masculino é ritualizado como o lugar da ação, da decisão, da chefia da rede de relações familiares e da paternidade como sinônimo de provimento material: é o “impensado” e o “naturalizado” dos valores tradicionais (Minayo, 2005, *online*).

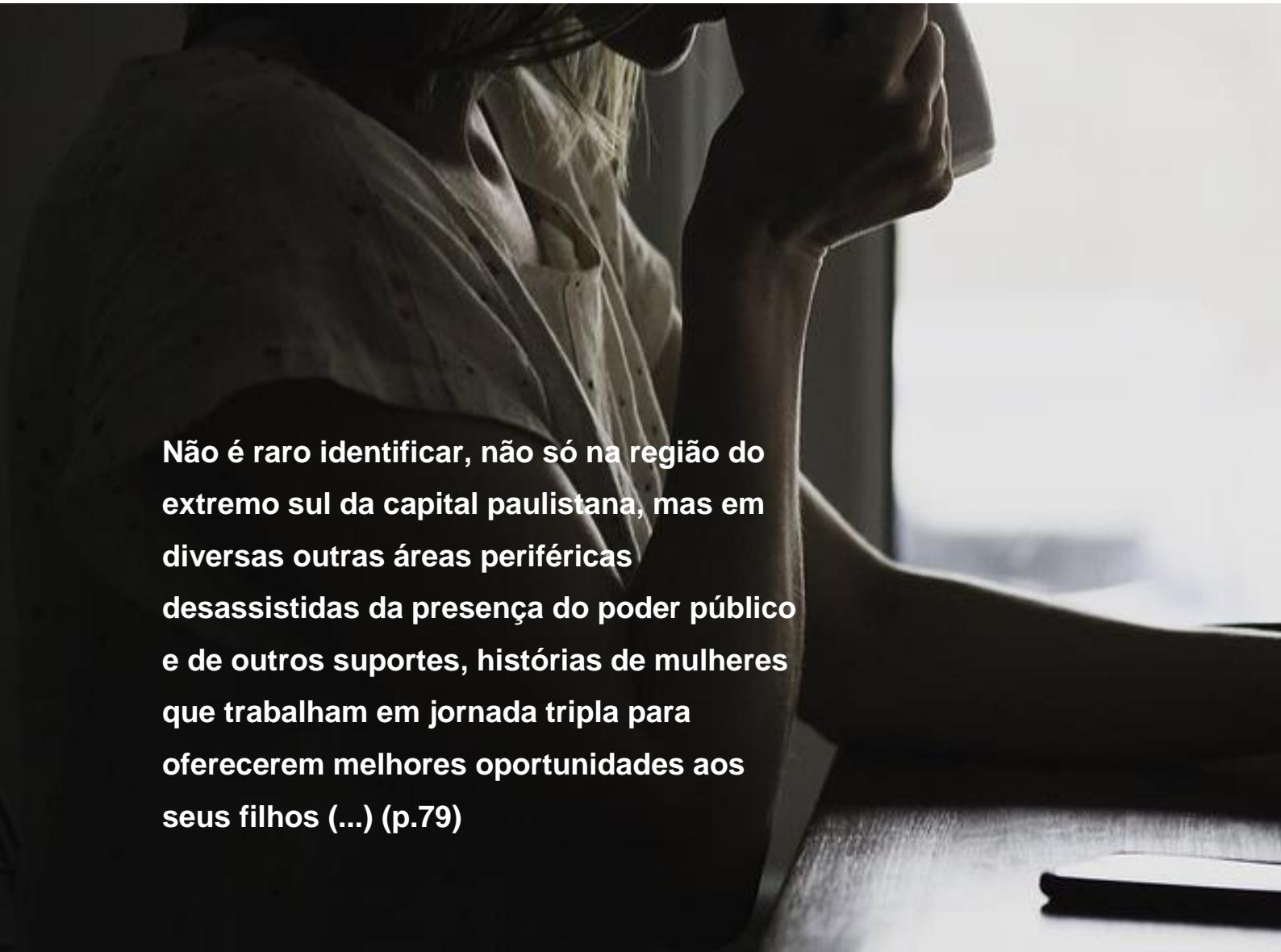
Quando esse cenário é levado às moradoras das periferias, nas quais há grande incidência de empreendedorismos informais, as condições ficam ainda mais difíceis, deixando-as em situações ainda maiores de invisibilidade.

Diante disso, questiona-se como eliminar os obstáculos que as impedem, principalmente as mais vulneráveis, de romperem a insegurança, motivada pelos preconceitos de uma sociedade machista e repetidora de padrões familiares, para receberem investimentos em projetos e acesso à crédito na criação e planejamento de suas empresas, para terem acesso às novas tecnologias e quebrarem esse ciclo de empreendedorismo de baixo impacto nas sociedades em que vivem.

Primeiramente, observa-se que essa luta global pelo feminismo, embora tenha trazido um histórico grandioso de conquistas durante séculos, segundo Lucy Delap (2022, p. 275), “não é um estado final, é uma jornada”. Por isso, é necessário permanecer lutando e resistindo para que a igualdade de gênero não seja um sonho utópico, mas para que, cada vez mais mulheres empoderadas possam assumir posições que lhes permitam reduzir essa desigualdade ainda tão latente.

Nesta linha do empoderamento, sobretudo das mulheres mais vulneráveis, o programa *Sebrae Delas* (que se tornou nacional em 2019) propõe, por meio do empreendedorismo, o início de um diálogo com essas mulheres, sobretudo buscando demonstrar o seu valor na sociedade, diante do baixo reconhecimento enquanto mulher de sucesso. Essa conversa genuína, antes de falar sobre planejamento, gestão empresarial e inovação, tem mudado a vida de *Muito mais do que 1.000 mulheres*, nome inicial e piloto do programa estadual do Sebrae, que começou na zona sul da cidade de São Paulo, em 2018.

Programas como este buscam, principalmente, empoderar as mulheres, trabalhar sua autoconfiança, criar uma rede de apoio para elas se posicionarem diante da sociedade e *stakeholders*, com a finalidade de, através do *networking*, desestabilizarem o mercado corporativista masculino e obterem oportunidades financeiras e de crédito.



**Não é raro identificar, não só na região do extremo sul da capital paulistana, mas em diversas outras áreas periféricas desassistidas da presença do poder público e de outros suportes, histórias de mulheres que trabalham em jornada tripla para oferecerem melhores oportunidades aos seus filhos (...) (p.79)**

## COOPERAÇÃO ENTRE EUA E BRASIL NO EMPREENDEDORISMO FEMININO

O governo dos EUA, através da Embaixada e dos Consulados no Brasil, criou programas de incentivo ao empreendedorismo social, sobretudo o feminino, como forma de promover o crescimento econômico do Brasil e criar oportunidades de cooperação entre os países (Embaixada ...*(a)*, 2022, *online*).

A iniciativa teve como ponto de partida os dados disponíveis na plataforma da Embaixada e dos Consulados, segundo os quais as micro e pequenas empresas no Brasil, entre janeiro e outubro de 2021, foram responsáveis pela criação de quase 73% dos empregos formais do Brasil. Mesmo diante dos efeitos negativos da pandemia, o setor de inovação no Brasil recebeu, apenas em 2021, R\$ 51,7 bilhões em investimento.



Entre os programas de cooperação criados em 2021 voltados para o empreendedorismo social, estão o *Young Leaders of the Americas Initiative* (ILAY), voltados para jovens empreendedores, para desenvolver habilidades de liderança e empreendedorismo, e o Projeto *Small Business Development Center* (SBDC), mediante cooperação técnica do Sebrae e a Organização dos Estados Americanos (OEA), para aplicação de metodologia capaz de medir os impactos na economia através das pequenas e médias empresas; há, ainda, programas voltados exclusivamente ao empreendedorismo feminino.

Às iniciativas acima, somam-se o *Academy for Women Entrepreneurs* (AWE), projeto lançado em 16 de novembro de 2020 (dia global do empreendedorismo), pela Embaixada e pelos Consulados dos Estados Unidos no Brasil, em parceria com o grupo +Unidos<sup>7</sup>, no Distrito Federal e nas regiões metropolitanas de São Paulo e do Rio de Janeiro. O programa prevê capacitações voltadas para gestão de negócios, visitas em feiras virtuais, acesso a ferramentas de inovação e atividades para enriquecimento profissional, ampliando, assim, a rede de contatos destas mulheres e promovendo a sua independência econômica (Embaixada...(b), 2020, *online*).

Dois outros programas foram criados para o desenvolvimento de *startups* e o uso de tecnologias em empresas lideradas por mulheres, visto que, no Brasil, há um baixo índice de representatividade feminina nestas frentes, daí a promoção de iniciativas nesse segmento serem de suma importância.

O primeiro deles é o *Female Scale* (Embaixada...(a), 2022). Por meio do consulado em São Paulo, o projeto ofereceu serviços de aceleração e de incubação para 10 *startups* brasileiras lideradas por mulheres, aportando capital inicial para os melhores projetos; o segundo é o *RME Digitaliza*, que ofereceu treinamento para 112 empresárias para a adoção e o uso de ferramentas e de tecnologias que pudessem melhorar a competitividade de empresas lideradas por mulheres.

---

<sup>7</sup> O +Unidos, associação sem fins lucrativos, formado por grandes empresas atuantes no Brasil é um fundo de investimento social colaborativo idealizado pela Embaixada dos EUA, por meio da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID)

Esses programas de apoio ao empreendedorismo feminino nas periferias, que vão desde as iniciativas dos governos a políticas públicas de inclusão produtiva, envolvendo iniciativas do Sebrae, das organizações sociais, da iniciativa privada e dos governos internacionais, devem ser fortificados para ganharem escala e trazerem as mulheres ao mundo do empreendedorismo com alto valor agregado, com o objetivo de buscar igualdade de gênero, fortalecer sua comunidade e coibir qualquer forma de violência.

## **CONCLUSÃO**

Iniciativas trazidas neste artigo como o incentivo ao empreendedorismo feminino, sobretudo em atividades com alto valor agregado, buscam, acima de tudo, corrigir injustiças de gênero em comunidades que, por si só, já sofrem inúmeras injustiças sociais responsáveis por afetar a integridade do próprio Estado de Direito.

Não é raro identificar, não só na região do extremo sul da capital paulistana, mas em diversas outras áreas periféricas desassistidas da presença do poder público e de outros suportes, histórias de mulheres que trabalham em jornada tripla para oferecerem melhores oportunidades aos seus filhos, sem precisar depender de programas de assistência pública que, embora ajudem muito, inevitavelmente, perpetuam estigmas e colocam essas mulheres em situação de dependência de seus maridos, vez que o benefício, por si só, não promove a transformação necessária para abalar o machismo estrutural.

Diante disso, uma nova mentalidade precisa ser construída passo a passo. Isto é, as mulheres da periferia precisam compreender que a batalha pela igualdade de gênero está igualmente ao seu alcance. Não se trata de uma exclusividade das brancas ou daquelas que desfrutam privilégios econômicos e, por isso, ocupam estratos sociais mais elevados. Isso porque, a percepção da identidade de gênero não se entrelaça naturalmente com a luta contra as disparidades raciais e sociais. Portanto, é crucial as mulheres se apoiarem mutuamente nas complexas intersecções de suas identidades, a fim de fortalecerem suas vozes na busca pela equidade.

Trata-se de uma soma de esforços, e não de segregação. Para isso, é preciso empoderar e resgatar a autonomia dessas mulheres, na tentativa de evitar a repetição de ciclos abusivos, para que elas possam, desta forma, por meio do seu trabalho – como empregada ou empregadora – desfrutar de iniciativas diversas, a exemplo das trazidas neste artigo, que buscam oferecer-lhes apoio fundamental nessa empreitada.

Dentre os principais desafios desse contexto, está o objetivo de fazer esses projetos ganharem escala e, assim, consolidar um processo de continuidade dentro das comunidades para que as mulheres atendidas possam replicar seu conhecimento, se associarem e buscarem coletivamente oportunidades de investimento e crédito sem dependerem de qualquer das instituições envolvidas, públicas ou privadas.

## REFERÊNCIAS

- Arbex, G. (2021) Ecosistema de inovação tem apenas 4,7% de *startups* fundadas por mulheres. *Forbes*.
- Chachaml, A. S.; Maiall, M. B.; Camargo, M. B. (2012) Autonomia, gênero e gravidez na adolescência: uma análise comparativa da experiência de adolescentes e mulheres jovens provenientes de camadas médias e populares em Belo Horizonte. *Rev. Bras. Estud. Popul.* 29 (2).
- Delap, L.(2022) *Feminismos: uma história global*. Trad. Isa Mara Lando e Laura Teixeira Motta. Companhia das Letras.
- Embaixada e Consúlados dos EUA no Brasil (2022) Cooperação em empreendedorismo entre EUA e o Brasil. *U.S. Mission Brazil*, 26 jan. 2022. Disponível em: <https://br.usembassy.gov/pt/cooperacao-em-empreendedorismo-entre-os-eua-e-o-brasil/>.
- Embaixada e Consúlados dos EUA no Brasil (2020). Embaixada dos EUA e +Unidos abrem inscrições para programa voltado ao Empreendedorismo feminino. *U.S. Mission Brazil*: 16 nov. 2020.
- Fraser, N. (2017) Para uma crítica das crises do capitalismo: entrevista com Nancy Fraser. *Perspectivas*, v. 49, p. 161-185.
- Maia, M. M. (2022) Trabalho emocional e significados do feminino no empreendedorismo contemporâneo. *Cad. Pagu* (64)
- Minayo, M.C.S.(2005) Laços perigosos entre machismo e violência. *Ciênc. Saúde Coletiva* 10 (1).
- ONU Mulheres. (2021) *Organização das Nações Unidas Mulheres Brasil*. Site institucional.
- Rede Nossa São Paulo (2021). *Mapa da Desigualdade 2021*. Disponível em: [https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2021/10/Mapa-Da-Desigualdade-2021\\_Tabelas.pdf](https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2021/10/Mapa-Da-Desigualdade-2021_Tabelas.pdf).
- Ribeiro, L.; Martino, N.; Duarte, T. L.(2021) Antes das grades: perfis e dinâmicas criminais de mulheres presas em Minas Gerais. *Revista Sociedade e Estado* – v. 36, n. 2.
- Santos, E. D.; Haubrich, G. F. (2018) Portal Rede Mulheres Empreendedoras: empreendedorismo, cultura e imagens de si. Ethos discursivo: alcance, desafios e potencialidades. *Let. Hoje* 53 (3).
- SEBRAE/SC. (2021) Serviço social de apoio às micro e pequenas empresas de Santa Catarina, *Sebrae Delas Mulher de Negócios* – Empreendedorismo Feminino, Florianópolis.
- Vieira, O. V. (2007) A desigualdade e a subversão do Estado de Direito. *SUR Revista Internacional de Direitos Humanos*. n. 6, ano 4.

### COMO CITAR ESTE TEXTO

Nicodemo, J. E. (2023). Empreendedorismo feminino nas periferias como luta pela igualdade social e de gênero *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 9, n.2, 67-81. <https://dx.doi.org/10.59068/24476137jonas>

RECEBIDO EM:25/03/2023  
APROVADO EM: 15/05/2023